

# O ANTICOMUNISMO NO IMAGINÁRIO POPULAR NO PRISMA DA AMÉRICA LATINA

## ANTI-COMMUNISM IN THE POPULAR IMAGINATION IN THE PRISM OF LATIN AMERICA

Leodefane Bispo da Silva<sup>1</sup>  
Fausto Alencar Irschlinger<sup>2</sup>

SILVA, L. B.; IRSCHLINGER, F. A. O anticomunismo no imaginário popular no prisma da América Latina. **Akrópolis** Umuarama, v. 19, n. 2, p. 89-99, abr./jun. 2011.

**RESUMO:** O presente artigo inicia com uma discussão acerca do imaginário do anticomunismo existente no Brasil e na América Latina, no qual perceberemos que as ideologias que emergem no prisma da Guerra Fria, e se refletem ao longo da ditadura militar em meados dos anos 70, levou católicos e militantes da esquerda socialista a confrontos ideológicos. A inexorável participação desses atores nos dois campos refletiu-se em movimentos de importante envergadura nos diversos espaços geográficos, assim a sociedade deixou-se conduzir pelo discurso da igreja concebendo o comunismo como um regime de essência materialista, no qual se exclui toda prática religiosa e se dá ênfase ao ateísmo, criando um arquétipo de satanização coletiva. Faremos ainda uma análise dos discursos que impulsionaram as massas populares e a rigidez da igreja para impor sua força dogmática frente ao seu rebanho, além das características que evidenciaram a implantação do comunismo em Cuba via revolução.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunismo; Guerra Fria; Ideologias; Teologia da Libertação.

**ABSTRACT:** This article begins with a discussion of the imagery of anti-communism in Brazil and in Latin America, where we observe that the ideologies that emerge in the prism of the Cold War, and are reflected throughout the military dictatorship in the mid 70s, guided Catholics and left-wing socialist to ideological confrontations. The inexorable involvement of these actors in the two fields was reflected in movements of major scale in different geographical areas, so the society was led by the discourse of the church and it conceived the communism essentially as a materialist system, in which excludes all religious practice and Emphasis is given to atheism, creating an archetype of collective demonization. We also have an analysis of the speeches that stimulated the masses and stiffness of the church to impose its dogmatic force against his flock, besides the characteristics that showed the implementation of communism in Cuba via revolution.

**KEYWORDS:** Communism; Cold War; Ideologies; Liberation Theology.

<sup>1</sup>Especialista em História Contemporânea da América Latina pela UNIPAR – Universidade Paranaense. Docente do curso de História da UNIPAR – Universidade Paranaense.

<sup>2</sup>Mestre em História pela UPF (Universidade de Passo Fundo); doutorando em História pela UFPR; Professor e pesquisador do Curso de História da UNIPAR, Campus Cascavel.

## INTRODUÇÃO

Por meio da análise de Émile Durkheim (Durkheim, 2000, p.58), as formas elementares da vida religiosa, título de uma publicação de 1912, que procura estabelecer a sociologia como disciplina objetiva e positiva, em que fomenta a formulação de uma metodologia científica, para a apreensão das leis de funcionamento das sociedades e das relações entre os diferentes grupos que a compõe, compreender suas representações coletivas, como resultado de uma “consciência coletiva”. Para Durkheim, fatos sociais devem ser analisados como respostas coletivas concretas, fruto de reflexões comuns e sociais anteriores.

A religião para o autor visa nesse contexto procurar a essência do homem religioso e das religiões, em que resgata a busca da origem do sentimento religioso, o qual os iluministas imputavam a natureza humana, agora deslocada para o centro da vida social e das representações coletivas.

O totemismo seria a representação primordial do homem sobre o mundo, reunindo todas as características essenciais de todas as religiões: a distinção entre os objetos sagrados e profanos; a noção de alma e espírito; de personalidade mítica e divindade nacional; ritos de oblação e de comunhão; ritos comemorativos e ritos de expiação.

Durkheim oferece assim, um primeiro esboço teórico-metodológico para a análise de sistemas religiosos, apesar de todas as ressalvas que se possa fazer aos princípios teóricos que orientaram suas conclusões, assim o autor concebe a ideia de uma sociedade modelo e imutável, organizada por leis rígidas e imunes às transformações da vida em sociedade, imunes ao tempo e a história.

Jacqueline Herman (1997: 333) conclui que Max Weber levaria às últimas consequências a noção de uma “sociedade ideal” e consolidaria a relação entre sociologia do conhecimento e sociologia da religião, ao transpor para a análise das comunidades religiosas seu método de construção de “tipos ideais”. Para Weber toda a ação social pode ser compreendida, seja ela racional, em que a evidência da compreensão lógica, matemática, seja (subjetiva, afetiva, receptiva e artística).

Nesse aspecto Herman constitui que Weber entende que toda a ação originada por

motivos religiosos ou mágicos é, em sua forma primária uma ação racional. A análise weberiana é um avanço ao definir “carisma” e “espírito”, ao distinguir as funções e os atributos do mago, do profeta e do sacerdote; ao assinalar a importância da mediação simbólica e do caráter analógico do pensar mitológico, e ao refletir sobre a relação entre o crescente processo de maturação, centralização e racionalização das seitas ou crenças religiosas em congregações com formas de organização socioeconômica das diferentes sociedades.

Por meio de uma análise idealista e com os objetivos mais descritivos e classificatórios que explicativos, Max Weber acrescentou pouco à reflexão sobre o papel da religião na vida social, num contraponto teórico evidente às reflexões de Marx que, já em 1842, afirmava que a “religião não vive no céu, mas sim na terra”, aludindo claramente aos condicionamentos sociais e políticos das ideias religiosas. Para Marx e Engels, entretanto, o estudo as religiões só poderia ser feito atrelado às lutas de classes, na medida em que percebiam a religião como uma ilusão, destinada a máscara e a justificar a desigualdade entre as classes sociais, cuja origem tinha bases econômicas. Atentos às possibilidades históricas de manipulação das crenças para a dominação social no exercício do poder. Segundo Marx a emancipação política do judeu, do cristão e do homem religioso, em geral, é a emancipação do Estado em relação ao judaísmo, ao cristianismo e, em geral, à religião.

Octavio Ianni conceitua que Marx ao mencionar a América do Norte, concebe-a como uma nação da religiosidade, e explicita que se até num país de emancipação política perfeita, encontramos não apenas a existência da religião, mas também a sua existência exuberante e vital, temos nisso a prova de que a existência da religião não contradiz a perfeição do Estado. Mas, como a existência da religião é a existência de um defeito, não podemos continuar procurando a fonte desse defeito apenas na essência do próprio Estado. A religião já não constitui para nós, o fundamento, mas, simplesmente, o fenômeno da limitação secular. Nesse aspecto, fica evidente para Marx que o Estado é o mediador entre o homem e a liberdade do homem. Assim, como Cristo é o mediador sobre quem o homem descarrega toda a sua divindade, toda a sua servidão religiosa, assim também o Estado é o mediador para o qual desloca toda a sua

não-divindade, toda a sua não servidão humana. Ianni aponta que Marx vê o comportamento do Estado político em relação à sociedade civil de modo tão espiritualista como o céu com relação à terra. Encontra-se, em relação a ela, na mesma oposição, e a supera exatamente como a religião supera a limitação do mundo profano, ou seja, reconhecendo também de novo, restaurando-a e deixando-se necessariamente, dominar por ela.

Bruno Bauer seguindo essa linha de raciocínio confirma que o povo do Estado cristão nada mais é que um não-povo, carente de vontade própria, e cuja verdadeira existência reside no caudilho a que se acha submetido. Este, entretanto, por sua origem e natureza, lhe é alheio, isto é, foi instituído por Deus e posto à sua frente sem sua intervenção, do mesmo modo que seu chefe necessita de mediadores privilegiados para se entender com o verdadeiro povo, com a massa; e do mesmo modo que essa mesma massa se divide em vários círculos especiais formados e determinados pelo acaso, distintos entre si pela natureza de seus interesses, paixões especiais e preconceitos, recebem como privilégio a autorização de se diferenciarem uns dos outros. Assim, Bauer explicita, que a religião serve apenas como disfarce, entram em insolúvel contradição com a honorabilidade de sua consciência religiosa, que vê na religião a finalidade do mundo. Esse Estado só pode se redimir de seu tormento interior convertendo-se em guardião da Igreja Católica. Diante dela, ou seja, uma igreja que considera o poder secular como seu braço armado, o Estado é impotente, devido o poder secular que afirma ser o império do espírito religioso.

## IDEOLOGIA E RELIGIÃO

As disputas históricas entre dois gigantes ideológicos com amplo poder de coerção, tem criado paradigmas intrínsecos nas sociedades humanas, seja no Oriente ou no Ocidente

as características de ambos assemelham-se, mudando apenas suas faces, permanecendo sua essência interna, levando povos de diversas etnias ou culturas de diferentes períodos históricos a absorverem suas influências.

O poder da religião e da política como elemento natural das práticas sociais, levou a humanidade a conflitos sangrentos seja entre Romanos e Judeus, entre Católicos e Judeus, entre Católicos e Protestantes ou entre Cristãos e Comunistas<sup>3</sup>, a disputa teve como meta o domínio coletivo das massas, ou seja, em cada momento histórico percebe-se o confronto dessas forças em que as sociedades absorvem seus reflexos sejam positivos ou negativos.

Nesse aspecto, buscamos por meio desse trabalho, aprofundar o estudo tendo como objeto de análise a construção do imaginário do anticomunismo tendo na igreja católica sua principal vertente, assim perceberemos também a atuação dos movimentos de esquerda no contexto da história do Brasil e da América Latina no período de 1945 a 1975, espaço onde se desenvolveu de forma explícita focos significativos desse imaginário, tendo como cenário a evolução das disputas ideológicas do capitalismo e do comunismo no ápice da Guerra Fria.

O anticomunismo foi o resultado da disputa de duas forças monumentais que exerceram forte influência no mundo pós-segunda guerra mundial, ou seja, a União Soviética e os Estados Unidos. A América Latina, Caribe e Brasil, objetos de estudo, são espaços onde as duas potências articulam políticas de dominação, seja ideológica, cultural ou religiosa. Nesse aspecto, Hobsbawm (1995: 225) explicita que a retórica acerca da Guerra Fria, foi muito superior aos conflitos reais.

Em termos concretos havia entre as duas potências uma mútua aceitação da distribuição global de forças após o conflito encerrado em 1945. O próprio perigo de uma guerra nuclear era controlado, “pois na hora de decisão, ambos confiavam na moderação uma da outra”. Mes-

<sup>3</sup>As constantes sublevações das províncias habitadas por judeus na Terra Santa, levou o governo romano a intervenções constantes no intuito de sufocar os levantes, promovidos por guerrilheiros zelotes (soldados de Deus). André Alba aponta seu o reflexo desses conflitos na palestina tiveram um fim com a destruição total de Jerusalém após um cerco de cinco meses, aproximadamente um milhão de judeus foram mortos e o restante da população conduzida à cidade de Roma, como escravos. Nesse aspecto, percebe-se diversos confrontos semelhantes tendo como atores: católicos e judeus, onde os tribunais do santo ofício, ferramenta da igreja no período da Idade Média, tornou-se o horror dos “hereges” denominação do clero romana a todos os indivíduos que ousassem confrontar os dogmas da instituição. É evidente que católicos e protestantes promoveram uma carnificina na Europa, já os comunistas ao instituir seu governo nos diversos países, denominou o cristianismo como inimigo do Estado, sendo coercitivo no intuito de extinguir as instituições religiosas como bases da formação da população, ou seja, o Estado passaria a se responsabilizar pelas condições materiais de seus cidadãos, isolando-os da influência cristã.

mo assim alguns episódios tiveram destaque nesse contexto, como: O anúncio da Doutrina Trumann, em 1949, quando os comunistas assumiram o poder na China no mesmo ano que a URSS adquiriu a bomba atômica; ou em 1961, com a ocorrência da crise dos mísseis em Cuba.

Segundo Rodeghero (1998: 76), enquanto Stálin identificava o imperialismo americano com o novo fascismo, Trumann colocava a URSS no lugar da Alemanha nazista de Hitler.

A presença de uma forte opinião pública anti-soviética nos EUA, para Furet (1995), acarretou crises de intolerância e de suspeita como o machartismo, fenômeno tipicamente americano, cuja designação deriva do nome do Senador Joseph Malcarty, que se transformou em uma espécie de inquisidor do anticomunismo ao sair à caça dos suspeitos dentro dos quadros do serviço público norte-americano.

Buscamos em, George Lukács a concepção de ideologia e da sua aplicação no cenário capitalista e comunista que visava transformar as consciências das sociedades em que mantinham influência. Lukács a define como uma expressão de um ato permanente e presente no cotidiano da vida social, para ele a ideologia é acima de tudo aquela forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social dos homens consciente e operativa. Nesse sentido, tudo que fazemos é consciente, isto é, tem um movimento histórico que independente de ser de classe é social, pois apresenta um valor teleológico que só a racionalidade e a razão social dos homens podem figurar e, portanto ser da natureza humana.

Nesse aspecto, percebe-se o caráter dogmático do comunismo embora sua negação à religião seja um paradigma. Buscamos em Latey (1980: 171), o caráter profético de Marx ao afirmar: “A única coisa que os filósofos fizeram”, disse ele, foi interpretar o mundo de várias maneiras, quando o importante é transformá-lo. Marx o transformou, delegando seus ideais às futuras sociedades do mundo. Fez com que o marxismo se tornasse o ópio dos intelectuais. Homens ocupados, cientistas escritores, artistas especialistas de todos os ramos, com pouco tempo para estudar problemas sociais conseguiram um guia prático de ação e respostas. Essa segurança dá aos marxistas o mesmo fanático sentido de superioridade e autoconfiança que caracterizou os adeptos das seitas religiosas milenares; o aspecto visionário e profético dos en-

sinamentos que Marx dá ao adepto a certeza de ser o eleito exclusivo predestinado à salvação.

O caráter internacional do marxismo e a reavaliação sistemática do fator nacionalidade têm certamente uma ligação com o repúdio enérgico de Marx à sua própria raça e religião nacional. A rejeição dos dois credos messiânicos em que havia sido criado tem também alguma ligação com o messianismo inconsciente de seus ensinamentos. Bertrand Russell (História da Filosofia Ocidental) apresenta a seguinte equação:

Yahweh	Materialismo dialético
O Messias	Marx
Os eleitos	O proletariado
A igreja	O partido comunista
A segunda vinda	A revolução
O inferno	O castigo dos capitalistas
O milênio	A comunidade comunista

Segundo Latey (1980) o caráter quase religioso da ideologia ficou mais evidenciado quando ela foi transplantada para a Rússia Sagrada, a terra das seitas milenares, com o seminarista ortodoxo Stálin como sacerdote-mor. Marx passou a ser tratado como João Batista e Lênin o Messias; Trotsky, o diabo, e seus adeptos, os hereges, foram perseguidos com maior fúria vingativa que os infiéis, os meros burgueses que não tinham culpa de viver nas trevas.

Nietzsche, mais demolidor, decretou a morte de Deus e dizia que o cristianismo atentava contra o instinto de sobrevivência de uma vida forte. O ser humano para o filósofo deveria se superar sempre guiado pela vontade de poder. Seria esse o paradigma tão sonhado para a posteridade, principalmente por Marx, no entanto, a União Soviética, berço da grande revolução, foi o terreno onde o Stalinismo sufocou os ideais dos revolucionários, que viam se livres do jugo imperialista, crendo que finalmente a ditadura do proletariado se instalara de fato. Nesse aspecto, o poder monumental concentrado nas mãos de Stalin, tornou-se um dos maiores opressores do cristianismo, utilizando ferramentas ideológicas para a sua destruição do mesmo. Para os comunistas, a religião é, oficialmente, um remanescente capitalista, nesse aspecto ela é inviável em uma sociedade que busca um modelo ideal

no viés econômico e político.

### **A educação na visão comunista e na visão da Igreja**

No comunismo real o poder ideológico da religião, levaria essa mesma sociedade em todas as suas camadas a uma autodestruição principalmente dos jovens e das crianças, alvo da doutrinação religiosa e capitalista no âmbito de sua formação cidadã. Contrariando essa concepção, a igreja vê o ateísmo impregnado pela ideologia comunista como elemento a privar o homem de uma formação espiritual e de uma liberdade individual seja ela religiosa ou política afinal, essas virtudes intrínsecas na vida do indivíduo é resultado dos direitos universais do homem, conquistada na Revolução Francesa<sup>4</sup>[1], como observa Norberto Bobbio; pensador italiano quando se refere a democracia como sendo a religião dos cidadãos universais. Apesar de entendê-la falha e insatisfatória civada de promessas não realizadas, a democracia ainda é o sistema mais progressista que uma sociedade civilizada podia almejar. Louvou-lhe a tolerância, o princípio da não violência, a possibilidade de renovar-se e o seu ideal de fraternidade, herdado pelos franceses. Bobbio explicita: “Chegou-se à democracia, porque o passado histórico revelara-se um imenso matadouro”, dominado por guerras religiosas e por perseguições políticas de toda a ordem (o futuro da democracia, 1984).

A exposição do pensador italiano vai de encontro a ideologia cristã que vê na democracia amplo terreno para sua atuação, oposto da ideologia comunista. A igreja aponta que a privação de liberdade, leva a infelicidade e a exclusão da espiritualidade necessária no processo natural humano. Assim, a bandeira levantada pela igreja no intuito de barrar o avanço de seu maior inimigo, levou a instituição a elevar sua voz, concebendo nessa construção do imaginário o caráter sanguinário de Lênin, Stalin e Mao, que na visão da igreja não foram apenas governantes mas assassinos movidos pela sede de poder, impondo medo, perseguições, privando homens e mulheres de viverem uma vida voltada à fé e às tradições.

O discurso do Clero se direcionará a sociedade no intuito de estigmatizar a caminhada revolucionária experimentada pelas nações comunistas, como uma grande barreira no crescimento humano no prisma do espiritual e da liberdade individual, afirmando que a causa comunista se condiciona em conduzir as massas à libertação das opressões da burguesa e da exploração de sua força de trabalho tendo como alvo a ditadura do proletariado e o escape das influências da religião que é vista na ótica marxista como supersticiosa, alienante e destrutiva.

A igreja brasileira reproduzindo a ideologia de Roma e a igreja protestante bebendo das fontes americanas buscam conduzir seu gigantesco rebanho ao combate real contra os incrédulos materialistas vedando-lhe toda possibilidade de contaminar os povos cristãos com seu vírus mortal anti-religião. Os reflexos dessa disputa alcançaram uma extensão social abrangente não apenas de âmbito local ou regional mas hegemônico. Percebe-se a infiltração dessas ideologias nos diversos movimentos sociais, geralmente impulsionados por grupos que ostentam poderes sobre tal região ou comunidade, naturalmente a busca de manutenção dos paradigmas sociais estabelecidos, permeiam de forma inexorável todas as práticas, visando a defesa do cristianismo frente ao avanço comunista.

A Revolução fomentou na Rússia, uma espécie de repressão metódica, chegando a instituir, em momentos de grande paroxismo, o terror como modo de governo. Neste prisma, os espíritos escolásticos sempre poderão sustentar que o comunismo real não tem nada a ver com o comunismo ideal.

Buscamos em Stéphane Courtois uma definição entre doutrina e prática dessa denominação “comunismo”. Para o autor francês, como filosofia política, o comunismo existe há séculos, e quem sabe, há milênios, pois não foi Platão quem, em A República, fundou a ideia de uma cidade ideal na qual os homens não seriam corrompidos pelo dinheiro e pelo poder, na qual a sabedoria, a razão e a justiça comandariam?

Courtois pondera que não foi um pensador e estadista tão eminente quando Sir Thomas More, chanceler da Inglaterra em 1530, autor da

<sup>4</sup>[1] Acontecimento de capital importância no mundo contemporâneo, responsável por profundas transformações políticas, sociais e econômicas, ocorrido na França a partir de julho de 1789 e só encerrado em 1799 com a consolidação dos princípios republicanos burgueses. Ocupando lugar de excepcional significado na história universal, a Revolução Francesa constitui-se num dos pilares do liberalismo e das instituições democráticas. AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

famosa Utopia e morto sob machado de Henrique VIII, um outro precursor da ideia dessa cidade ideal?

O método utópico parece perfeitamente legítimo como instrumento crítico da sociedade. Nesse aspecto, o comunismo em questão não se situa no mundo das ideias. É um comunismo bem real, que existiu numa determinada época, em determinados países, encarnado por líderes célebres Lênin, Stalin, Mao, Ho Chi Minh, Castro, etc.

Situando-nos de forma mais específica na prática política desse comunismo real sob a égide leninista, fica explícito que uma das ferramentas ideológicas vitais, para a solidez do regime seria a educação, que levaria o indivíduo à conscientização do seu papel social e nessa perspectiva o filósofo Vassili Krapivine afirma que Lênin ensinava que sem trabalho, sem luta, o conhecimento livresco do comunismo adquirido em brochuras e obras comunistas não vale absolutamente nada, porque prolongaria o antigo divórcio entre a teoria e a prática prejudicando a edificação do socialismo.

A importância da instrução marxista-leninista consiste precisamente em que ela ajude a elaborar a capacidade de raciocinar de forma criadora e a resolver independentemente os problemas teóricos-científicos e as tarefas relativas à prática revolucionária. Lênin concebia que para dirigir as massas, chefiar e orientar a sua atividade criadora, é preciso conhecer as suas necessidades e aspirações, é preciso saber ensinar as massas e aprender permanentemente com elas.

Samora M. Machel, presidente do Partido Frelimo e da República Popular do Moçambique, um dos países africanos de regime comunista, afirmou que a educação ideológica fornecerá ao povo o método científico de análise para utilizar as leis da natureza e da sociedade em seu benefício.

A educação ideológica das massas é condição indispensável para eliminarmos da nossa sociedade a superstição, o obscurantismo e outras formas do idealismo; é condição decisiva para que o nosso povo se impermeabilize contra as manobras de subversão ideológica lançadas pela reação; é condição essencial para a liquidação dos valores decadentes da burguesia. Machel conclui em seu discurso que educar ideologicamente as massas é desenvolver a sua consciência revolucionária, a sua determinação

de lutar, o seu amor ao trabalho, o seu patriotismo e o seu espírito internacionalista, fortalecendo a sua confiança no partido e nos ideais do socialismo.

Ao analisarmos as concepções de Lênin ou Machel a igreja percebia que essas especificidades compactuavam de forma explícita com líderes como Mao, Stalin ou Castro. A conscientização fomentaria no viés da educação, uma sociedade imune a “alienações devoradoras” evidentes na religião, e nas práticas capitalistas. Se essa concepção evidencia-se para os comunistas. A igreja em contrapartida deixará explícito em seu discurso que a humanidade sob tal influência ideológica, tornar-se-á privada de sua liberdade e estaria a mercê de um sistema totalitário e ateu.

D. Antonio de Castro Mayer na obra: “Por um Cristianismo Autêntico”, alerta o rebanho, explicitando que:

A fim de que possais identificar os comunistas, importa antes de tudo conhecer sua verdadeira doutrina. Isto vos permitirá também aquilatar com mais clareza a oposição radical e insaciável que existe entre o catolicismo e o comunismo. Passamos, pois a expor sumariamente a doutrina marxista, isto é, a filosofia dessa verdadeira anti-igreja que é a seita comunista (Mayer: 1971, 129).

### **Trajectoria da Igreja na América Latina**

A presença da igreja na América Latina consolidou-se de forma inexorável, pois seu discurso se reproduziu de forma semelhante, deixando explícito a sua construção ideológica no imaginário popular.

No Haiti, pequeno país situado na parte ocidental da Ilha Hispaniola e berço da independência da América, abrigou ao longo da sua existência, profundos conflitos externos e internos, constituindo-se sob o prisma da religião a presença maciça influenciadora da Igreja Católica que sob a Constituição de 1801 representava a religião oficial do país.

Em agosto de 1966, Duvalier, então presidente, firmou um convênio com o Vaticano, que criou condições para a legitimação incondicional do Estado duvalierista diante da igreja oficial. Armando Lampe (1995: 138) explicita que nesta época após o término do segundo Concílio do Vaticano, uma das ideias dominantes era a inculturação da missão, e o Vaticano apoiou

os planos de Duvalier para “nacionalizar” a hierarquia. Foram nomeados os candidatos de Duvalier: seis bispos no total distribuídos nas regiões mais importantes, desse forma o presidente prometeu dar proteção especial a igreja. Sendo este o período mais escuro da Igreja na história do Haiti.

O Segundo Concílio Vaticano, a Doutrina Social da Igreja, os ensinamentos sociais de João Paulo II, os documentos da II e da III Conferência Episcopal Latino-Americana, realizadas em Medellín, em 1968, e em Puebla, em 1979, todas essas mudanças ideológicas criaram as condições para o surgimento de um novo discurso religioso comprometido com a causa dos oprimidos.

Warrem concebe ainda que, no contexto da Teologia da Libertação, o homem deve ser o sujeito do seu destino pessoal e da história. É neste processo que o cristão por meio de seu engajamento nos movimentos sociais, quer tendo em vista questões parciais (ex.: a luta sindical contra a deteriorização da vida), quer tendo em vista a defesa de valores universais (ex.: a defesa dos direitos humanos), reconstrói sua dignidade humana, solapada em vivência marginalizada. A libertação histórica, por intermédio dos movimentos sociais, é a condição necessária para que os povos oprimidos da América Latina caminhem em direção de uma libertação integral, ou libertação cristã.

Segundo essa linha, o bispo porto-riquenho Dom Parrilla ordenado sacerdote em 1952, depois de ser o diretor da ação social católica da Arquidiocese de San Juan, fez a seguinte declaração:

liquidar latifúndios, instaurar programas não paternalistas de promoção social como meios para isto, e aparecer como a Igreja Pobre, para os pobres de Javé. As riquezas da igreja cristã são uma pedra de escândalo tanto para os ricos como para os pobres. Temos que desvestir-nos do poder ou da aparência dele, do luxo e dos triunfalismos que ainda perduram. Temos que aparecer como igreja pobre, humilde e indefesa. (Lampe: 1995).

A posição de Dom Parrilla, degradou os norte-americanos, que interpretava seu discurso como que sintonizado à esquerda socialista. A punição, em 1979, consolidou-se de forma direta quando Parrilla, culpado de ilegal penetração em áreas restritas à marinha da guerra norte-

-americana em Vieques, foi condenado a pagar uma multa, e foi-lhe imposta uma liberdade condicional durante um ano, proibindo-o de pisar em território de sua própria pátria, porque ele participou de uma oração comunitária no momento em que a marinha ia realizar suas práticas de guerra. Em novembro de 1960, no Haiti, o presidente Duvalier expulsou o Arcebispo de Porto-príncipe, François Poirier, de nacionalidade francesa. Foi acusado de participar do Complô dos “comunistas”, referindo-se à greve dos estudantes naquele mês. Duvalier promoveu uma perseguição sem trégua aos religiosos estrangeiros, inclusive fechando a casa de retiro dos padres jesuítas e do seminário maior, dirigido pelos jesuítas. Foram acusados de difundir propaganda hostil ao governo. Dispersados os seminaristas tinham que se apresentar diariamente na delegacia da polícia.

Esses aspectos evidenciaram um constante conflito interno, alavacando a posição do clero tradicional em choques eminentes com a nova teologia libertadora dos pobres. Segundo Pablo (1989: 155), a militância política de sacerdotes e religiosos certamente tem seus riscos, mas toda prática pastoral tem riscos e perigos. Devemos levar seus riscos, em consideração para estarmos conscientes e vigilantes e não cometer erros. Estes perigos e riscos, entre outros, seriam os seguintes: voltar a cair num “constantinismo” de esquerda (quer dizer, utilizar o poder político para fins eclesiais) ou num “clericalismo” de esquerda (quer dizer, utilizar o “poder sacerdotal” para fins políticos).

Ampliando essa linha de análise Lampe expõe que estas mudanças se expressaram na América Latina já nos finais dos anos sessenta, no surgimento de uma igreja comprometida com o processo de libertação, acompanhada por sua própria teologia, a teologia da libertação. “Medellín” teve um impacto imediato em toda a América Latina. Mas, no Haiti tivemos que esperar até 1980, quando “Puebla” teve um maior impacto, para observar a influência destas mudanças. É uma etapa criativa onde a igreja oficial ouve o grito dos oprimidos. Durante 15 anos, a hierarquia legitimou religiosamente o poder duvalierista. A extrema miséria e repressão fizeram surgir no povo a aspiração fundamental pela vida, negada pela ordem duvalierista.

Nessa perspectiva, o clero latino americano buscará por meio das ferramentas disponíveis, principalmente o discurso, demonizar as

atividades dos movimentos de esquerda em sua área de atuação, na América Latina. Seguindo essa linha de raciocínio fica evidente para Mayer, a preocupação da cúria romana com os acontecimentos que evoluíram rapidamente em Cuba, envolvendo a igreja frente ao poder coercitivo do Estado socialista.

A fim de que possais identificar os comunistas, importa antes de tudo conhecer sua verdadeira doutrina. Isto vos permitirá também aquilatar com mais clareza a oposição radical e insaciável que existe entre o catolicismo e o comunismo. Passamos pois a expor sumariamente a doutrina marxista, isto é, a filosofia dessa verdadeira anti-igreja que é a seita comunista (Mayer: 1971, 121).

O Papa João XXIII, referiu-se com angústia e dor a nações em que os poderes públicos criam obstáculos à ação da igreja, particularmente no plano educacional, sujeitando muitas escolas, fundadas e mantidas pelas vigílias, suores e angústias dos missionários, a medidas de coerção e compressão. Nessa perspectiva, às transformações que emergiam na sociedade cubana causavam preocupações profundas, já que a revolução começava a mostrar sua verdadeira intenção sob o comando de Fidel Castro. Com aparência de movimento renovador, cuja intenção seria unicamente restaurar a ordem jurídica tradicional gravemente lesada pelo arbítrio de um governo pessoal despótico, a revolução fidelista, colimitava de fato a instauração, na grande antilha, de um regime comunista, sem respeito às liberdades fundamentais inerentes à pessoa humana, entre as quais tem primazia de crer e praticar a religião verdadeira, pois de acordo com o testemunho dos prelados cubanos, essa foi a obra encetada desde seus primórdios pelo governo de Castro.

Em maio de 1959, Castro proclamou Cuba Estado socialista, confiscou todas as escolas católicas da ilha, nomeando dirigentes revolucionários, decretando a expulsão dos padres estrangeiros, prenúncio natural de perseguição mais atroz contra a igreja, como tem acontecido em outros países. A América Latina poderia ser um terreno onde a “epidemia” comunista poderia se espalhar, caso não houvesse uma reação do clero. Semelhante à Cuba, as igrejas latino-americanas sofreriam os mesmos impactos em seus espaços de hegemonia. No plano social a nação cubana sofreu transformações profundas

segundo Mayer:

Paralelamente a esses golpes desferidos diretamente contra a religião, a revolução cubana atacou a fundo duas instituições básicas da civilização cristã, isto é, a propriedade e a família. A primeira foi abolida, via reformas. a reforma agrária que feriu de morte a propriedade rural, a reforma urbana, que suprimiu a propriedade imobiliária nas cidades e a reforma industrial que confiscou às fábricas. (Mayer: 1971).

Como se percebe, a implantação do modelo soviético se tornou irreversível frente às relações entre Cuba e os soviéticos; relação essa que fomentaria inúmeras crises entre a União Soviética e os Estados Unidos.

A Revolução ocorrida em Cuba, responsável pela implantação do regime comunista era um espelho das atrocidades promovidas pelos líderes revolucionários em todas as esferas da sociedade cubana. Fontaine expõe o caso de Pedro Luis Boitel jovem estudante de engenharia civil que ao candidatar-se ao cargo de presidência da Federação Estudantil Universitária (FEU) amargou a derrota frente ao opositor Rolando Cubella, candidato do regime. Além da derrota Boitel foi preso depois, condenado a dez anos de prisão. O estudante, antigo opositor de Fugêncio Batista e ferrenho adversário de Fidel Castro, e tinha em sua trajetória elementos suficientes para oferecer perigo ao regime comunista cubano. Por várias vezes ele fez greve de fome para protestar contra o tratamento desumano a que os detidos estavam sujeitos. Em 3 de abril de 1972, iniciou uma nova greve para obter condições decentes de encarceramento. Fontaine expõe que Boitel protestou nestes termos a um dos responsáveis de prisão:

Faço essa greve para que me apliquem os direitos reservados aos prisioneiros políticos. Direitos que vocês exigem para os detidos das ditaduras dos países da América Latina, mas que recusam aos do seu (de vocês) próprio país! (Fontaine: 1997, 776).

A iniciativa do estudante para chamar a atenção das condições dos presos políticos cubanos, tornou-se inútil, já que as inúmeras greves de fome e a falta de assistência médica o levaram a um estado de saúde crítico. Após 53 dias de greve de fome, Boitel morreu. As autoridades recusaram à mãe o direito de ver o corpo

do filho.

A estrutura criada via departamentos para controlar a sociedade civil, funcionava de forma inexorável. Assim, a Dirección Especial Del Ministerio Del Interior, ou DEM, recruta chivatos (informantes) aos milhares, a fim de controlar a população. A DEM trabalha segundo três eixos: o primeiro, chamado “informação”, consiste em estabelecer um processo sobre cada cubano, o segundo, “o estado da opinião”, sonda a opinião dos habitantes; o terceiro, designado por “linha ideológica”, tem por missão vigiar as igrejas e as congregações mediante a infiltração de agentes.

Nesse processo, já que em Cuba a responsabilidade é considerada coletiva, semelhante acontece com o castigo. Trata-se de outro meio de pressão: os familiares do detido pagam socialmente o empenhamento político do seu parente. Os filhos não têm acesso à universidade, e os cônjuges perdem o emprego. Essas características evidentes no regime de governo, eram verdadeiros elementos na construção do imaginário anticomunista presentes no discurso do clero brasileiro ou latino-americano. Nessa análise, é explícita a posição da Igreja Católica ao contribuir para a elaboração e divulgação das representações anticomunistas, no entanto, a sua ação foi uma entre tantas outras que embasaram a construção desse imaginário. Se em Cuba se consolidava um exemplo de regime infernal para o clero, o mesmo se aplica à Nicarágua e ao Peru.

A Nicarágua pequeno país da América Central, situado entre El Salvador e Costa Rica, amargou uma tradição de sobressaltos políticos sangrentos como observa Fontaine:

Em 15 de março de 1982, a junta proclamou o estado de sítio, o que lhe possibilitou encerrar as estações de rádio independentes, suspender os direitos de reunião e limitar as liberdades sindicais, em virtude da resistência das organizações a tornarem-se órgãos acessórios no poder que entendia limitar o seu papel na consolidação do regime. A tudo isso se devem acrescentar as perseguições contra as minorias religiosas: protestantes, moravitas ou testemunhas de Jeová. Em junho de 1982, a Anistia Internacional estimava

esses prisioneiros em mais de 400 pessoas, entre guardas somazistas e presos políticos. (Fontaine: 1997, 776).

Ostentando aspectos explícitos do regime Sandinista da Nicarágua, o Sendero Luminoso, grupo rebelde de esquerda de base maoísta sob liderança de Abimael Guzman. <sup>5</sup>[2] De 1972 a 1979, Sendero parece encontrar-se limitado às lutas pelo controle das organizações estudantis. Recebeu um reforço de estudantes da universidade de tecnologias de San Martín de Torres, de Lima. Infiltrou amplamente o sindicato dos professores primários e as suas colunas rurais de guerrilheiros foram muitas vezes enquadradas por professores.

Contando originalmente 200 a 300 ativistas, o Sendero eliminava sistematicamente os representantes das classes proprietários e os membros da força de ordem. O Sendero escolheu uma política autárquica e destruiu as pontes, a fim de isolar as zonas rurais das cidades, o que suscitou de imediato uma forte oposição camponesa. Para assegurar o controle das populações e exercer uma chantagem sobre os familiares, o Sendero não hesitou em recrutar crianças.

Para a Igreja, o comunismo deveria ser condenado, pois era um inimigo mortal para qualquer sociedade, reforçando seu discurso frente às “atrocidades” que as famílias cubanas, nicaraguenses e peruanas atravessavam sob esse regime. Uma das primeiras referências condenatórias ao comunismo e ao socialismo, expressa na encíclica *Quanta Cura* de 1864, denuncia o desejo do funesto erro do comunismo de eliminar a religião do âmbito familiar.

O comunismo, segundo a encíclica, defende que é somente da lei civil que emanam e depende o direito dos pais sobre os filhos e o direito de instrução e educação. Assim, seus defensores eram criticados por pretenderem eliminar a influência da Igreja Católica sobre a educação da juventude, e por humilharem o clero, proclamando-o inimigo do progresso, da ciência e da civilização (De Singer, 1955:402-3). No entanto, a Igreja assistirá ao longo de sua militância um movimento que emergirá de seu próprio ventre, preocupado com as massas marginalizadas,

<sup>5</sup>[2] Abimael Guzman no início dos anos 60 era um jovem ativista maoísta, professor de filosofia, desempenhava um papel de primeiro plano no movimento Sendero Luminoso. Nascido em Lima em 6 de dezembro de 1934, jovem taciturno, Guzman fez estudos brilhantes. Ativista de movimentos anteriores ao Sendero dói adulado pelos militantes chamado “a quarta espada do marxismo” (Depois de Marx, Lênin e Mao).

esse grupo objetivava como alvo essa parcela da sociedade não assistida pela igreja conservadora, que segundo afirmavam era uma igreja elitista, oligárquica, desinteressada dos problemas sociais do povo, o qual só participa como massa passiva nas grandes concentrações motivadas por devoções religiosas, congressos eucarísticos e outros. É também uma igreja europeizada, sobretudo, romanizada. Ampliando essa ideia, buscamos em Richard Pablo uma análise desse movimento que aponta seus membros como inspirados na Teologia da Libertação<sup>[3]</sup> e pelo magistério da igreja em relação à vida de fé na prática da justiça. Estes cristãos participam do movimento popular e dos partidos de esquerda sem mais direito nem mais dever do que qualquer outro militante. Partilham sua vida política com o conjunto dos militantes e revolucionários sem fazer distinção entre crente e não crente.

### **A teologia libertadora da Igreja dos pobres**

Esse olhar da igreja sobre a realidade social latino-americana que se evidenciou no Haiti, tornou-se a terceira utopia importante para a sociedade contemporânea com raízes distintas. Trata-se na visão de Ilse Scherer Warren (1993: 32), do encaminhamento de uma nova visão para o papel da igreja, da prática cristã e do pensar teológico, até então apoiado numa teologia feita a partir da realidade exógena europeia.

Parte-se do princípio de que, como a filosofia em geral, a teologia também tem uma dimensão histórica. Valoriza-se o compromisso com a realidade histórica presente em que a igreja exerce sua missão. Nesse prisma, este compromisso implica uma avaliação das condições de existência da maioria populacional, como na realidade histórica latino-americana a grande totalidade das pessoas encontram-se submetidas a situações de opressão, miséria, a não cidadania, a meta fundamental desta teologia vem a ser a busca de mecanismos que possibilitem a libertação destas variadas formas de opressão.

Um risco sério seria também comprometer a autonomia da igreja dos pobres, no meio do movimento popular, especialmente em relação aos partidos políticos. Para Pablo, a Igreja

presente no meio dos pobres, é uma igreja comprometida com sua causa, mas deve manter sua especialidade eclesial e sua autonomia como igreja.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse processo o estudo em questão buscou concentrar uma visão especulativa, em que percebemos no nosso objeto de análise, o discurso e o imaginário anticomunista que na práxis natural visava estabelecer uma sociedade cristã imune das doutrinas marxistas, a qual explicitava em seu discurso que o Estado seria provedor da sociedade e para esta daria segurança e bem estar social, opondo-se à igreja que concebia um paraíso mítico. Assim, na análise do discurso, percebe-se que a militância do clero romano sob a égide da Guerra Fria não se deu apenas na América Latina ou no Brasil, mas na Europa, berço das grandes revoluções que a igreja solidificou o seu discurso, sendo o mesmo legado pelo clero caribenho e latino-americano. O papa Pio XII deixa explícita essa concepção ao afirmar em seu discurso a visão da igreja com relação à revolução.

Segundo o sumo pontífice a nossa salvação não está na revolução, pois a mesma mostra-se contrária a genuína e sincera profissão cristã o tender-pensando só no proveito próprio, exclusivo e material, sempre incerto – para uma revolução que proceda da injustiça e da insubordinação civil, e o tornar-se tristemente, culpável do sangue dos compatriotas e da destruição dos bens comuns. Ele exorta aqueles que esquecem que uma verdadeira sociedade nacional inclui a justiça social e exige uma equitativa e conveniente participação de todos os bens do país. Porque de outro modo, a nação acabaria por ser uma ficção sentimental, um pretexto fátuo, paliativo de grupos particulares para subtrair-se aos sacrifícios indispensáveis ao equilíbrio e a tranquilidade pública e a nobreza que Deus lhe outorgou, as rivalidades e lutas intestinas se converteriam numa terrível ameaça para todos.

Pio XII afirma que não na revolução, mas na evolução harmoniosa que está a salvação e a justiça. A violência nunca fez mais que destruir ao invés de construir, reacender as paixões ao

<sup>[3]</sup> Teologia da Libertação: Ramo da Igreja Católica cujo objetivo é defender a legitimidade eclesial das Comunidades Eclesiais de Base inseridas no mundo dos pobres. Assim como no passado a teologia possibilitou a redefinição da identidade cristã daqueles crentes que se comprometiam com o movimento popular, a Teologia da Libertação deve defender e fundamentar a plena eclesialidade da igreja dos pobres. Pablo Richard. A Igreja dos Pobres. Vozes, S. Paulo, 1982.

invés de apaziguar, acumular ódios e ruínas em vez de irmanar os contendores; e precipitou os homens e os partidos na dura necessidade de reconstruir lentamente depois de provas dolorosas, sobre as ruínas da discórdia. Para ele, só uma evolução progressiva e prudente, corajosa e consentânea com a natureza iluminada e guiada pelas santas normas cristãs de justiça e equidade pode levar a satisfação dos desejos e das necessidades honestas do operário.

A afirmação de Pio XII deixa explícita a tônica do discurso da igreja, impulsionando as massas populares a rejeição do comunismo. Nessa perspectiva clero se aproxima da ideologia capitalista, buscando defender o direito de propriedade, demonizando em seu discurso a estatização e o coletivismo característico do discurso comunista. A Encíclica *Rerum Novarum* exprime essa ideia quando concebe que a universidade do gênero humano, sem se deixar mover pelas opiniões contrárias de um pequeno grupo, reconhece, considerando atentamente a natureza, que nas suas leis reside o primeiro fundamento da repartição dos bens e das propriedades fundamento da repartição dos bens e das propriedades particulares; foi com razão, que o costume de todos de todos os séculos sancionou uma situação tão conforme a natureza do homem e a vida tranquila e pacífica das sociedades.

A autoridade das leis divinas vem pôr-lhe o seu selo, proibindo, sob pena gravíssima, até mesmo o desejo do que pertence aos outros:

“Não desejarás a mulher do teu próximo, nem a sua serva, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença” (Deut. 5,21).

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. C. A. do. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BEOZZO, J. O. **História da igreja na América Latina e no Caribe 1945-1995: o debate metodológico**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. 7. ed. São Paulo: CPAD, 1998.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 10.

ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHINIGO, M. **Pio XII e os problemas do mundo moderno**. Tradução Padre José Marins. São Paulo: Melhoramentos, 1959.

ENCÍCLICAS dos Sumos Pontífices. [S. I.]: Edições e Publicações Brasil, 1963.

LAMPE, A. **História do Cristianismo no Caribe**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LATEY, M. **Ditadura ontem e hoje**. São Paulo: 1980.

RICHARD, P. **A força espiritual dos pobres**. São Paulo: Vozes, 1989.

RODEGHERO, R. S. **O diabo é vermelho**. Passo Fundo: UPF, 1998.

VAISMAN, E. **O problema da ideologia na ontologia de Lukács**. João Pessoa: 1986.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

## EL ANTICOMUNISMO EN LA IMAGINACIÓN POPULAR EN EL PRISMA DE AMÉRICA LATINA

**RESUMEN:** Este artículo inicia con una discusión acerca del imaginario del anticomunismo existente en Brasil y en América Latina, en el cual percibimos que las ideologías que emergen en el prisma de la Guerra Fría, y se reflejan a lo largo de la dictadura militar en los años 70, que llevó católicos y militantes de la izquierda socialista a enfrentamientos ideológicos. La inexorable participación de esos actores en los dos campos se reflejó en movimientos de importante envergadura en los diversos espacios geográficos, así que la sociedad se dejó conducir por el discurso de la iglesia ideando el comunismo como un régimen de esencia materialista, en el cual se excluye toda práctica religiosa y se da énfasis al ateísmo, creando un arquetipo de satanización colectiva. Haremos también un análisis de los discursos que impulsaron las masas populares y la rigidez de la iglesia para imponer su fuerza dogmática frente a su rebaño, además de las características que evidenciaron la implantación del comunismo en Cuba vía revolución.

**PALABRAS CLAVE:** Comunismo; Guerra Fría; Ideologías; Teología de la Liberación.